
Chris Rojek, *Ways of Escape. Modern Transformations in Leisure and Travel*. Houndmills, Macmillan Press, 1993.

Ao longo dos últimos dez anos, Chris Rojek tem vindo a desenvolver uma inovadora reflexão sobre os hábitos de lazer e de ocupação dos tempos livres nas sociedades contemporâneas do mundo ocidental. Os seus trabalhos revelam um assinalável esforço de renovação teórica do estudo dos fenómenos de lazer, abrindo novos horizontes para a interpretação sociológica deste tipo particular de actividades sociais. *Ways of Escape* é, de algum modo, o corolário desse trabalho de reconceptualização teórica.

Com efeito, o livro retoma, para efeitos de análise empírica, as principais preocupações e as linhas de orientação teórica que Rojek formulou nos seus trabalhos anteriores, especialmente em dois livros editados, respectivamente, em 1985 e 1989: *Capitalism and Leisure Theory* (Londres, Tavistock Publications) e *Leisure for Leisure* (Houndmills, Macmillan Press, colectânea de textos editada por Rojek, que inclui três textos da sua autoria). Nestes dois livros, Rojek tece uma crítica sistemática à tradição teórica que ele próprio designa por *sociologia formalista do lazer*. Esta tradição, que se afirmou sobretudo a partir a década de 1960 e tem os seus principais expoentes em J. Dumazedier, M. Kaplan, S. Parker e K. Roberts, produziu, nas palavras do autor, uma «teo-

ria do lazer sem sociedade», ao isolar os comportamentos e as práticas de ocupação dos tempos livres dos contextos sócio-culturais mais amplos que os enquadram. A crítica de Rojek incide sobretudo na concepção de lazer que estes sociólogos professam: a ideia de que, por oposição a outras esferas da vida social (essencialmente o trabalho), o lazer é a esfera da auto-determinação individual, em que os indivíduos podem, de forma voluntarística, desinteressada e espontânea exercer a capacidade de livre escolha e encontrar modos de auto-realização e auto-formação, à margem dos constrangimentos que a sociedade habitualmente lhes impõe.

Demarcando-se destas interpretações, que, no seu dualismo, identificam equivocadamente os tempos de lazer como tempos da liberdade individual e os isolam analiticamente das outras dimensões da vida social, Rojek desenvolve a sua reflexão em torno de três argumentos principais. Em primeiro lugar, sustenta que as actividades de lazer devem ser entendidas como sistemas de relações socialmente reguladas. Na sua perspectiva, as relações de lazer devem ser interpretadas, não como relações de auto-determinação e liberdade, mas antes como comportamentos permissivos, que são regulados por um conjunto de regras socialmente produzidas e legitimadas. Inspirado nos trabalhos de N. Elias, Rojek considera que o lazer é, nas sociedades modernas, uma esfera privilegiada para a obtenção de prazer e a realização hedonística. Mas esta procura de prazer é enquadrada por sistemas de regulação moral e normativa, que

definem limites socialmente aceitáveis de permissividade nas actividades de lazer.

Em segundo lugar, o autor argumenta que as relações de lazer, sendo socialmente reguladas, põem em jogo complexos processos de luta, conflito e tensão entre interesses e concepções divergentes no que se refere à organização dos espaços e dos tempos de lazer, à codificação dos comportamentos, à definição dos limites de permissividade socialmente aceitáveis nas condutas individuais. Em terceiro lugar, e como corolário dos dois aspectos anteriores, Rojek assinala a necessidade de orientar o estudo do lazer para a análise e interpretação dos contextos históricos, sociais e culturais em que as práticas se processam e dos modos como esses contextos constroem formas de estruturação e enquadramento das relações de lazer. As suas preocupações orientam-se essencialmente para a compreensão do modo como se organizam e ganham sentido as relações de lazer no contexto de duas formações sócio-económicas e sócio-culturais determinadas: o capitalismo e a modernidade.

É em obediência a este conjunto de princípios que Rojek apresenta, em *Ways of Escape*, uma análise dos lazeres e dos hábitos de viagem nas modernas sociedades ocidentais, procurando discutir-os em relação com as transformações sócio-culturais que atravessam o mundo contemporâneo. O livro parte de uma interrogação sobre o imaginário da evasão e do escapismo que, nas sociedades modernas, está associado às experiências de lazer e de viagem: «O lazer e a viagem abrem as portas para o mundo de sonhos da Modernidade. (...) Os nossos sonhos de evasão são preenchidos com aquilo a que Benjamin chamava "a magia da distância". Este elemento de fantasia é um denominador comum nas actividades de lazer e de viagem» (p. 9). Ao longo das 232 páginas do livro, Rojek procura mostrar de que modo

este imaginário se manifesta e se reproduz no universo dos lazeres. A sua preocupação é, sobretudo, a de entender a forma como os processos de *circulação* e *consumo* característicos do capitalismo e da modernidade constroem os espaços de lazer e turismo e os constituem em contextos propícios a experiências marcadas pelo imaginário da evasão.

O livro está organizado em duas partes distintas. Na primeira parte (capítulos 1 e 2) Rojek traça a evolução histórica dos regimes morais e doutrinários e dos mecanismos institucionais de administração e regulação do prazer que, desde a Idade Média até ao século XX, configuraram as concepções dominantes de lazer e enquadraram as formas de organização dos espaços, dos tempos e das actividades de lazer e de viagem nas sociedades ocidentais. Partindo do conceito durkheimiano de «regulação moral», procura mostrar que, em cada momento histórico, as concepções e as práticas de lazer se organizam em consonância com uma determinada ordem moral, que estabelece os parâmetros dentro dos quais se devem confinar as condutas referentes à procura e obtenção de prazer.

A análise, que se reporta essencialmente à sociedade inglesa, centra-se, por um lado, nos discursos morais e doutrinários que enunciam, formalizam e debatem a moral relativa ao prazer, ao lazer, ao desporto e à viagem e, por outro lado, nas acções desenvolvidas pelas instituições sociais que centralizam o poder de regular, vigiar e administrar a ordem social e os comportamentos individuais. No que se refere à primeira dimensão de análise, Rojek transporta-nos para o centro dos debates filosóficos, políticos e doutrinários que, ao longo dos séculos XVI a XIX, e sobretudo no contexto na economia política clássica, polemizam a condição humana e a ordem social, por referência a uma concepção dicotómica do universo e da huma-

nidade, que opõe a razão, fonte de civilização e ordem social, à natureza, domínio das paixões descontroladas. O autor procura mostrar o modo como, no quadro do pensamento social e da moral dominante, se formulam as concepções de prazer de que somos herdeiros e se equacionam formas de regulação, civilização e controlo dos comportamentos, de molde a conter os excessos passionais, a indisciplina e a permissividade a que se prestam as actividades de lazer, sobretudo entre as classes populares.

No que se refere à segunda dimensão de análise, Rojek, seguindo de perto as linhas de análise e a periodização histórica propostas por Corrigan e Sayer (1985) nos seus estudos sobre a formação do Estado britânico, considera quatro fases distintas na evolução das formas de administração e regulação do prazer e do lazer: a primeira fase corresponde aos séculos XII-XVI, a segunda aos séculos XVI-XVIII, a terceira ao século XIX e a quarta ao século XX. O argumento é o de que ao longo destas quatro fases se evoluiu paulatinamente de um modelo de administração do prazer descentralizado e localista, fundado na organização feudal, no poder senhorial e nas relações comunitárias, para um modelo centralizado, fundado no poder de vigilância e de regulação assumido pelo Estado e, deste, para um modelo profissionalizado, em que a administração e a organização dos lazeres é transferida, sob a tutela do Estado, para um conjunto de corpos e de saberes especializados e altamente profissionalizados. Nesta análise, profundamente tributária das teses de N. Elias sobre a modelação dos comportamentos e a centralização dos poderes no quadro do processo civilizacional e dos estudos de M. Foucault sobre os instrumentos de vigilância nas sociedades modernas, a tónica é posta em dois aspectos principais. Por um lado, na maneira como o Estado se institui em órgão privilegiado de disciplina moral e de vigilância das

condutas individuais, organizando e mantendo sob controlo as práticas de lazer das populações e sujeitando-as aos interesses definidos no âmbito do ideário da ordem e do progresso nacional. Por outro lado, na maneira como a profissionalização da administração do lazer no século XX dá corpo ao projecto de implantação de uma ordem cultural e moral burguesa, que visa civilizar e disciplinar as condutas das classes populares.

A principal virtude desta análise reside porventura na forma como o sociólogo britânico interpreta os processos que organizam os contextos em que se realizam as práticas de lazer à luz dos confrontos e das tensões que, historicamente, se foram estabelecendo entre concepções e interesses divergentes. Esta virtude está particularmente patente no capítulo 2, onde Rojek analisa o caso particular dos lazeres das mulheres nas sociedades modernas, interpretando a sua transformação por referência à tensões e aos processos que foram configurando a evolução do papel social das mulheres e da moral relativa aos prazeres a que estas podem, ou não, entregar-se.

Na segunda parte do livro (capítulos 3 a 6), Rojek procura reavaliar o estatuto e a natureza das actividades de lazer no âmbito das transformações sócio-culturais que atravessam as sociedades contemporâneas. Para o efeito, situa a discussão no contexto dos debates recentes em torno da modernidade e da pós-modernidade. O argumento principal, desenvolvido sobretudo no capítulo 3, é o de que, nas sociedades capitalistas avançadas, o lazer tende a transformar-se numa actividade relativamente *desorganizada* e *desregulamentada*. Afirmando as virtualidades analíticas de algum do pensamento crítico pós-modernista para a interpretação das dinâmicas culturais contemporâneas, Rojek procura demonstrar que, a partir da segunda

metade do século XX, o enquadramento regulador a que a cultura burguesa submettera, tanto do ponto de vista moral, como do ponto de vista organizacional, as actividades de lazer e de turismo, tende a diluir-se, abrindo caminho para a emergência daquilo que designa como *pós-lazer* e *pós-turismo*.

Apoiando-se sobretudo nos conceitos de *capitalismo desorganizado* e de *desdiferenciação*, desenvolvidos, entre outros, por S. Lash e J. Urry (Lash e Urry, 1987; Lash, 1990), Rojek defende que, nas condições económicas, culturais e sociais que caracterizam as sociedades de capitalismo tardio ("late capitalism"), o lazer tende a desvincular-se dos princípios ordenadores e regulamentadores que a cultura burguesa lhe impusera ao longo dos séculos XVIII, XIX e na primeira metade do século XX, subvertendo as tradicionais dicotomias em que essa cultura assentava: trabalho/lazer, exterior/interior, espaço privado/espaço público, realidade/ficção, cultura/natureza, passado/presente. Ao longo dos capítulos 4 e 5, Rojek analisa um conjunto de novos espaços de lazer e turismo que, pela sua natureza e pelas experiências que proporcionam, ilustram este processo de desorganização e desregulamentação: os "black spots" (cemitérios convertidos em locais de peregrinação turística, como o Arlington National Cemetery em Washington ou o Père Lachaise em Paris, onde repousam, respectivamente, os restos mortais de J. F. Kennedy e Jim Morrison), os parques de diversões temáticos, os parques históricos e os locais de turismo histórico e patrimonial, as casas-museus evocativas das grandes personalidades da cultura literária ocidental, etc. Na maneira como convertem em espectáculo e em atracção turística uma série de aspectos tradicionalmente considerados característicos do lado "sério" da vida ou das outras esferas de actividade social, estes espaços dão conta da crescente diluição das fronteiras que, no passado, separavam trabalho de lazer, reali-

dade de ficção, produção de consumo. Ilustram, assim, a redefinição do estatuto do lazer e do turismo enquanto esferas de evasão e de escapismo.

O diagnóstico que Rojek traça do lazer e do turismo neste contexto de *des-diferenciação*, *des-regulamentação* e *des-organização* assinala a natureza efémera, fragmentária e descontínua deste tipo de actividades. No entanto, esta natureza não se define já por oposição às restantes esferas de actividade social. Pelo contrário, o lazer e o turismo representam, para Rojek, experiências particularmente intensas e concentradas dos estímulos e das condições que definem a vida moderna, na generalidade. Esta é, talvez, a ideia mais original e mais promissora do livro. Nos traços que definem os lazeres contemporâneos — o seu carácter efémero, caótico e contraditório, a sua natureza permanentemente movente e sujeita à inovação e à moda, a maneira como se submetem crescentemente ao registo do consumo, da simulação e da cultura visual, o modo como desafiam as fronteiras e as hierarquias culturais historicamente estabelecidas — Rojek surpreende, afinal, outras tantas características da vida moderna, em geral, tal como as identificaram precocemente pensadores como W. Benjamin, G. Simmel ou S. Kracauer.

Para Rojek, nas sociedades capitalistas do mundo contemporâneo, o carácter dinâmico, efémero e fragmentário da vida moderna, que aqueles pensadores descreveram nas primeiras décadas do século XX, impôs-se, por efeito da importância crescente dos processos de troca, circulação e consumo, à lógica ordeira e reguladora da cultura burguesa, inscrevendo no quotidiano dos indivíduos traços que eram, tradicionalmente, entendidos como próprios de actividades de escape, como o lazer ou o turismo. É neste sentido que Rojek fala, hoje, de *pós-lazer* e *pós-turismo*. Para ele, estas esferas da vida social «permitem-nos

experimental, de forma concentrada, os contrastes rápidos e febris da Modernidade. (...) Longe de demonstrarem uma reacção às rotinas da vida quotidiana, como pretendem alguns comentadores, as actividades de lazer envolvem frequentemente uma intensificação e extensão destas rotinas» (pp. 212-213). Daí a sua conclusão desiludida sobre o modo como o lazer e o turismo funcionam como espaços de evasão e escapismo: trata-se, com efeito, de uma evasão ilusória e nunca plenamente concretizada, já que se alimenta da transitoriedade e do sentimento de insatisfação que caracteriza a vida moderna em geral, reenviando permanentemente, por isso, para as condições mais globais de estruturação e regulação (ou desregulação) da vida em sociedade.

As análises que Rojek apresenta neste livro, abrem, em suma, novas e frutuosas pistas para o estudo e a compreensão das transformações que, nas sociedades contemporâneas, têm vindo a observar-se nas esferas do lazer, da viagem e do turismo. A centralidade analítica que Rojek atribui à elucidação dos contextos sócio-culturais que enquadram as actividades de lazer, bem como os contributos teóricos que, numa notável síntese, o autor mobiliza, encerram um elevado potencial heurístico e abrem novas vias para o desenvolvimento desta área de estudos, ainda relativamente jovem. Em aberto ficam, no entanto, uma série de interrogações relativas à natureza específica das práticas que nesses contextos se desenrolam. Neste livro, como na generalidade dos seus trabalhos, Rojek é relativamente omissivo no que toca à investigação das práticas e dos comportamentos dos indivíduos, do modo como se relacionam com os espaços e os contextos de lazer, dos sentidos que atribuem aos seus próprios comportamentos. Esta é, no entanto, uma dimensão de análise cujo desenvolvimento

só pode beneficiar do esforço de contextualização que Rojek se propôs realizar neste livro.

Referências

Bibliográficas

- Corrigan, P. e Sayer, D. (1985), *The Great Arch*. Oxford, Blackwell.
- Lash, S. (1990), *Sociology of Postmodernism*. Londres, Routledge.
- Lash, S. e Urry, J. (1987), *The End of Organized Capitalism*. Cambridge, Polity Press.

Claudino Ferreira

201

John Frow, *Cultural Studies and Cultural Value*. Oxford, Clarendon Press, 1995, viii + 190 pp.

Cultural Studies and Cultural Value parte de um conjunto de interrogações centrais para a sociologia da cultura e, mais geralmente, para o projecto de reconstrução de uma teoria sociológica que coloca a cultura no centro do seu universo conceptual e empírico — e que tem encontrado expressão, nomeadamente, no projecto da revista *Theory, Culture and Society*. O desaparecimento de uma hierarquia estável de valores culturais ligados, nomeadamente, à distinção entre «alta cultura» e «cultura de massas» — e da correlação (se alguma vez esta, de facto, existiu) entre posições e trajetórias de classe, por um lado, e hierarquias culturais por outro —, ou a crescente integração do estético no económico aparecem, hoje, como manifestações visíveis de importantes transformações nas condições de produção, de circulação e de consumo dos objectos culturais neste fim de século. Segundo o autor, a própria «alta cultura» tornou-se uma entre várias formas culturais submetidas aos